FAKE NEWS UM PROCESSO DE VIOLÊNCIA? UMA ANÁLISE A PARTIR DOS CONCEITOS DE FOUCAULT, ARENDT E BOURDIEU

Claudimara Cassoli Bortoloto [1]
Luiz Augusto Mugnai Vieira Jr[2]

RESUMO
O estudo analisa as fake news como um mecanismo de violência simbólica que reforça estruturas de poder e pode gerar violência concreta. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica baseada nos conceitos de violência simbólica em Bourdieu, poder e violência em Foucault e Arendt. Como principais resultados tem-se os efeitos da desinformação como uma manipulação da percepção da realidade, afetando a política, ciência e sociedade. Destaca impactos como a instabilidade democrática e a descredibilização científica, exemplificados pelos ataques ao Capitólio nos EUA em 2021 e em Brasília 2023. A rápida disseminação digital agrava seus efeitos, exigindo estratégias além da checagem de fatos. Defende a necessidade de políticas públicas como a responsabilização das plataformas digitais e educação midiática.

Palavras-chave: Fake News; violência; poder; desinformação; violência simbólica.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como foco a análise das fake news como um processo de violência simbólica e seus desdobramentos nas relações de poder na sociedade contemporânea. As fake news têm se consolidado como um fenômeno social de grande impacto, interferindo diretamente nas relações políticas, econômicas e culturais. Mais do que simples desinformação, elas operam como um mecanismo de violência simbólica e, em casos extremos, podem culminar em violência física. O compartilhamento de conteúdos falsos não apenas perpetua discursos discriminatórios e intolerantes, mas também reforça relações de poder que sustentam estruturas de dominação e exclusão social.

A importância desse estudo está na compreensão das fake news e sua influência na percepção da realidade, uma vez que, elas reforçam estruturas de opressão. Ademais, ao analisar os mecanismos de propagação de desinformação e seus impactos sociais, busca-se contribuir para a formação de uma consciência crítica sobre o consumo de informação digital.

[1] Doutora em Ciências Sociais pela UNESP - Araraquara, docente da UTFPR - Medianeira, em colaboração técnica com Instituto Federal de Cascavel. E-mail: claudibortoloto@yahoo.com.br

[2] Doutor em Ciências Sociais pela UNESP - Marília, docente da UNIPAR – Cascavel. E-mail: gutomugnai@prof.unipar.br

Com base nesses elementos, objetiva-se compreender como a informação falsa transcende o ambiente digital e se materializa em violências concretas.

O artigo se estrutura em três discussões fundamentais: o conceito de fake news, sua expressão como forma de violência simbólica com respaldo em Bourdieu (1989), a discussão das fake news como violência a partir das análises de Arendt (2000) e Foucault (2010) que consideram a violência como uma ausência de poder e que por conseguinte possibilita tecer uma análise que discute a diferença entre o mundo online e offline.

O presente estudo justifica-se na urgência de debate em que se possibilite compreender que as fake news é mais que uma desinformação pontual, é um mecanismo de violência simbólica que compactua e reforça as estruturas de poder, possibilitando que tais desinformações sejam convertidas em violências concretas, sobretudo ameaça à ciência, à democracia, aos grupos sociais mais vulneráveis e tudo que pode se opor aos valores daqueles que usam as fale news para a manutenção do pensamento hegemônico.

ITENS DA CAPA DO TRABALHO COMPLETO

Nome das/os autores/as

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

grupo de trabalho

[GT 19: METODOLOGIAS DE ENSINO EM SOCIOLOGIA/CIÊNCIAS SOCIAIS E O UNIVERSO DIGITAL: USO DE TICS E EDUCAÇÃO MIDIÁTICA]

[FAKE NEWS UM PROCESSO DE VIOLÊNCIA? UMA ANÁLISE A PARTIR DOS CONCEITOS DE FOUCAULT, ARENDT E BOURDIEU]

São Paulo, SP

2025

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa é de abordagem qualitativa, uma vez que analisa as fake news e seus impactos na sociedade a partir de revisão bibliográfica que discute os conceitos de violência

simbólica em Bourdieu, poder e vioência a partir das teorias de Michel Foucault e Hannah Arendt.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Fake news e comportamentos sociais: um risco desnecessário

O termo fake news vendo sendo discutido por diversos autores, e nesse debate, há um consenso de que ele é sinônimo ideias falsas. Dessa forma, Pangrazio (2018) argumenta que o termo fake news é, frequentemente, reduzido a "notícias falsas", mas seu significado é mais amplo e político. Inclui desinformação (intencional), má-informação (não intencional) e conteúdos manipulados para fins ideológicos ou econômicos, muitas vezes associados a estratégias de *clickbait* e viralização; o que mostra que a fake news é mais que um termo enganador. Ademais, Wardle(2017) inclui nas fake news as categorias como: contexto e conexão falsa, conteúdo manipulado; sátira ou paródia; conteúdo enganoso e impostor e fabricado.

Nesse contexto Ferreira, Alexandre et al. (2019) ressaltam que as fake news no âmbito das plataformas digitais dão ao usuário o protagonismo de participar delas, para os estudiosos as plataformas de redes sociais como *Facebook, Twitter, e Instagram* revolucionaram a comunicação entre as pessoas, seus *designs* foram projetados para permitir o protagonismo do usuário para criar e interagir, colaborar e compartilhar o conteúdo consumido da forma como quiser, e dessa maneira nem sempre esse conteúdo necessita ser verdadeiro; é o que ocorre com as fake news, quais tem nessas plataformas sua principal forma de disseminação além do *WhatsApp* e *Telegram*.

A interação que as mídias digitais permitem aos usuários é denominada por D'Ancona (2018) de cacofonia, sendo essa uma reprodução par a par para manutenção do consumo do que é familiar. Enquanto Rais (2018) indica o questionamento de tudo que vai de encontro às reivindicações dos usuários e suas convicções, mesmo sendo elas fatos e argumentos verdadeiros, esse autor chama essas pessoas, que são vítimas e ao mesmo tempo disseminadoras de fake news, de inocentes úteis. Nessa mesma perspectiva, Junior e Junior (2020) inferem que não há como descartar que pessoas de boa-fé não se envolvam na disseminação das fakes news e assim contribuem e fazem parte dos disseminadores. As mídias por meio da sua configuração, viabilizam o uso de ferramentas para compartilhar fake news como os robôs, robôs políticos, ciborgues e ativistas em série. Estas táticas servem para inflar artificialmente conteúdos publicados nas mídias digitais, e garantir a falsa expressão de publicidade através da interação do público com a notícia por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários: "[...] pois quanto maior o número de interações (curtidas, compartilhamentos e *retweets*), mais ampla é a

exposição orgânica das postagens – ou impulsionar mensagens via *WhatsApp*" (Junior e Junior, 2020, p 06).

Algumas das discussões que remetem o tema sobre as fake news no Brasil e no mundo têm indicado os efeitos delas nas democracias, com inferências em resultados eleitorais como foi a Eleição de Trump nos EUA, de Bolsonaro no Brasil e a consulta popular do Brexit no Reino Unido (Junior e Junior, 2020; Lima e lima, 2020). O período pandêmico revelou que além do cenário político as fake news também atingem a saúde, como é o caso do coronavírus ter sido tema recorrente delas. Seu efeito para além da falsa informação, é a forma de como interfere no comportamento da população e sua reação em relação ao vírus, que é letal indicando como o comportamento individual interfere no coletivo. Nogueira e Lauerta (2020) ressaltam que, na pandemia, ocorreu algo que dificilmente se imaginaria acontecer há algum tempo: a colocação em xeque da ciência e da verdade, à exemplo da proliferação de fake news nas redes, ou do que se passou a chamar de pós-verdade.

É importante destacar que os efeitos das fake news revelam, além de um problema de saúde pública, uma questão epistemológica, uma vez que a máquina de notícias falsas enfraqueceu áreas do conhecimento que outrora (há pouquíssimo tempo) pareciam consolidadas socialmente, entre elas, as ciências médicas tão prestigiadas pelo corpo social. As fake news, como ressalta Pangrazio (2018), são uma forma de comércio rentável para as plataformas e coibi-las seria o mesmo que ir contra seus interesses de lucro; uma vez que até hoje se discute a possibilidade de regulamentação das midias digitais (principalmente as *big techs*) e o seu não consenso revela o poder delas nas estruturas sociais.

Lima e Lima (2020) destacam que no Brasil a negação da ciência ficou evidente com a produção do neoconservadorismo na ascensão da extrema direita chamada de bolsonarismo. Estes se estruturam a partir de características da pluralidade do conservadorismo clássico que se pauta na família tradicional, são contrários ao aborto, a favor da diminuição da maioridade penal, prisão perpétua para quem comete crimes hediondos bem como pena de morte. Suas características compõem as tradições escravocratas, sexistas, racista, patriarcal, patrimonialista, judaico cristã, elitista, hierárquica, coronelista. No entanto, diferente do conservadorismo clássico, assumem suas características como pressupostos morais, algo que até então permanecia oculto por ser imoral para se assumir.

Como foi apresentado, as fake news não são inéditas na sociedade, mas perduram no tempo e ganham atualizações, seguindo a lógica das mudanças nos meios de comunicação de massa. No contexto atual, são impulsionadas pelas mídias digitais e causam danos profundos quando afetam a coletividade. Elas se manifestam como uma violência simbólica, tendo em

vista o abuso de poder, conforme evidenciam autores como Bourdieu (1989). Para ele, a violência simbólica opera pela naturalização de discursos e práticas que reforçam hierarquias sociais, tornando-se invisível aos próprios dominados. Nas fake news, essa violência se materializa na disseminação de narrativas que distorcem a realidade, consolidando estereótipos e preconceitos.

As fake como poder simbólico em Bourdieu, violência em Arendt e Foucault

Para Bourdieu (1989), o poder simbólico está intrinsecamente ligado à capacidade de impor significados como legítimos, ocultando as relações de força que o sustenta. No caso das fake news, esse poder se expressa na construção de "verdades" que servem a interesses específicos, sejam políticos, econômicos ou ideológicos. A naturalização dessas narrativas as torna eficazes, pois são assimiladas sem questionamento, reforçando estruturas de dominação. Dessa forma, para o autor, a dominação se exerce por meio de símbolos, sem o uso explícito da força física. Trata-se de uma violência que não se dá fisicamente, mas por meio da linguagem, da cultura e das instituições, fazendo com que os coagidos ou dominados e por ela capturados aceitem e até legitimem as estruturas de poder. Observa-se que tal violencia se encontra nas fake news que têm emergido como um tipo de violência, uma vez, que na ausência de alteridade, se utiliza da depreciação e desvalorização daquele que por ela é afetado.

A partir dessa perspectiva, é possível relacionar as fake news com os conceitos de poder em Hannah Arendt e Michel Foucault. A filósofa destaca que o poder se baseia na ação coletiva e no consenso, enquanto a violência surge quando o poder se desintegra. Para ela, a violência é instrumental e não constitui a essência do poder. Assim: “Violência pode destruir o poder; é absolutamente incapaz de criá-lo” (Arendt, 2000, p. 56). Vale destacar que nas fake news, a violência simbólica pode ser entendida como um sintoma da fragilização do poder consensual, onde a desinformação mina a capacidade de ação coletiva e abre espaço para a coerção. Quando as fake news são utilizadas para manipular opiniões públicas ou incitar conflitos, elas substituem o poder pelo uso da violência simbólica, que, em casos extremos, pode se converter em violência física.

Foucault (2010), por sua vez, enfatiza o caráter produtivo e difuso do poder, que não se restringe a instituições específicas, mas permeia todas as relações sociais. Para ele, o poder não apenas reprime, mas também produz saberes e verdades. Nesse sentido, as fake news podem ser vistas como dispositivos de poder que produzem efeitos concretos na sociedade, moldando percepções e comportamentos. Foucault (2010) também destaca que o poder é capilar

e está em rede, o que explica a rapidez com que as fake news se disseminam e se tornam instrumentos de dominação.

Assim, pode-se verificar que as análises de Foucault e Arendt convergem ao apontar que a violência não é sinônimo de poder, mas sua antítese. Enquanto o poder se sustenta no consenso e na ação coletiva, a violência emerge como mecanismo de controle quando o poder se esvai. Nas fake news, essa dinâmica se manifesta quando a desinformação é utilizada para suprimir o debate democrático e impor narrativas hegemônicas.

Pensando no digital, as relações no mundo online exemplificam a metamorfose da violência simbólica em violência concreta. Como foi discutido, Bourdieu (1989) ajuda a entender como curtidas, compartilhamentos e seguidores em páginas de ódio simbolizam e potencializam preconceitos, transformando-os em discriminação. Já, Foucault (2006) complementa essa análise ao destacar o poder do discurso, que se materializa nas práticas sociais. Durante a pandemia de COVID-19, por exemplo, discursos negacionistas baseados em fake news levaram a comportamentos de risco, afetando a saúde pública.

Em síntese, as fake news são um fenômeno complexo que articula violência simbólica, poder e dominação. A partir de Bourdieu (1989), compreende-se sua capacidade de naturalizar desigualdades; em Arendt (2000), evidencia-se sua relação com a fragilização do poder consensual; e em Foucault (2006), analisa-se seu caráter produtivo e difuso. Essas perspectivas revelam que o combate às fake news exige não apenas a verificação de fatos, mas uma crítica às estruturas de poder que as sustentam.

Como discutido, no atual contexto, as fake news são impulsionadas pelas mídias digitais e causam danos profundos quando afetam a coletividade. Elas se manifestam como uma violência, tendo em vista o abuso de poder como nos evidenciam autores como Hannah Arent, Michel Foucault e Pierre Bourdieu.

O mundo online e offline – como mundo real

Diante da discussão que estabelecemos aqui, considera-se que não há uma separação de real e virtual, pois não há dois mundos. Existe sim uma realidade composta do online que faz parte do offline, portanto, uma é complementação da outra. Inclusive a palavra virtual no campo das Ciências Sociais tem sido aposentada para não criar essa sensação que no mundo virtual não enseja no sujeito a responsabilidades por suas ações, já que elas não são presenciais. Estudos como de Pelúcio; Pait; Sebatine (2015) evidenciam o online como extensão do offline.

Quando se olha para as fake news, se pensa nos seus impactos, porém é preciso ir além disso. É necessário indagar: Quem as produz? Quem as impulsiona? Quem as financia? São

questões que remetem a tocar as relações de violência que estão nas fake news. Geralmente imbuídas de "falso moralismo" mantém aspectos de dominação daqueles que as produziram.

As fake news interferem no poder ou consenso social, incitam a violência onde num clique ou comentário, se viola as regras mínimas de relacionamentos online e extrapola a violência, seja pela difusão de uma notícia falsa ou pela forma de como ela pode atingir a sociedade, expressando nas mais variadas formas de violência.

Quanto de fake news ainda circulam como verdades, influenciando tomadas de decisões e formas de pensamento, sem que a sociedade ainda não tenha consolidado meios para contê-las, elas podem produzir efeitos nocivos. Lima e Lima (2020) já nos haviam alertado sobre a influência das fake news para atacar os processos democráticos, sendo elas uma forma de intervenção direta nos rumos das eleições em países como os EUA, o Brasil e na saída do Reino Unido da União Europeia com o Brexit por exemplo. Esse ataque às democracias teve continuidade mesmo depois de processos eleitorais não serem vencidos por quem foi favorecido pelas fake news. Nos EUA com a derrota de Trump para Biden em 2020, e no Brasil de Bolsonaro para Lula em (2023), justificaram o insucesso eleitoral nas fraudes eleitorais que pode ser visto em Sulivan (2023) e G1 (2025), a não aceitação da derrota eleitoral levou a a ambos países, desenvolverem processos de ataques às instituições democráticas, à exemplo da invasão do Capitólio nos EUA em 2021, e o 08 de Janeiro de janeiro no Brasil em 2023. Ambos movimentos questionavam a democracia via ocupação violenta de instituições democráticas para forçar a queda dos resultados eleitorais nesses países, desistindo da competição democrática, quando derrotados, lançando mão da violência política (Sanches, 2023) . Além disso, a desinformação tem minado a credibilidade da ciência, afetando diretamente a saúde pública e a coletividade, seja pela recusa às vacinas ou pelo reaparecimento de doenças há décadas erradicadas, ou pela ingestão de medicamentos sem eficácia científica, podendo ser nocivos à saúde, como ocorreu no período da Covid 19. Esses fenômenos atrelados ao negacionismo científico, foi intensificado durante a pandemia de Covid 19, e ainda continuam presentes na sociedade.

Pensar o quanto os efeitos oline podem se converterem em offline é refletir, por exemplo, a relação simbiótica entre violência simbólica e física. Isso quer dizer que a violência simbólica traz sofrimentos e efeitos físicos, que muitas vezes, terminam nos mais diversos tipos de doenças psíquicas, bem como dispepsia, enxaqueca e uma miríade de transtornos ligados a ansiedade. Contudo, é imperativo afirmar que via de regra a violência física efetiva costuma ser mais traumatizante representando a cólera ignara de uma sociedade que regularmente tem sido cultivada, em tempos digitais, nas redes sociais online. Quem já não presenciou um massacre

online nas caixas de comentários? Quanto que muitas violências físicas têm as suas continuidades nos linchamentos de julgamentos morais de comentários digitais? A internet, os comentários e as postagens alojadas nela que estão lá como mecanismos de reviravolta para a liberação da morte, a suspensão de direitos, a disseminação do preconceito que começa simbolicamente entre curtidas e compartilhamentos. Por isso, é preciso frisar que não existe dois mundos separados: o real e o virtual; tal que assim como existe uma extensão da violência do offline para o online em matérias nos portais jornalísticos, o online pode também estender a violência postada no digital para a violência de socos, pontapés e pauladas no offline. Basta lembrar-se do caso de espancamento até a morte de Fabiane Maria de Jesus devido boatos em rede social de que praticava magia negra com crianças (Rossi, 2014). Uma das primeiras fake news no Brasil que teve essa proporção de ver a violência online convertida em violência física. O online pode causar proporções desastrosas e cruéis como ocorreu com Fabiane e a fake news é parte desse processo de violência.

A partir do historiador Jacques Semélin (2009) pode se observar que o massacre é tanto físico como simbólico. A violência física está em simbiose com a violência simbólica como aconteceu no linchamento da mulher acusada injustamente de magia negra e que lhe custou a vida. Basta um olhar pouco mais atento e veremos que muitos são alvos da agressividade da notícia ou de não poderem se defender se mostram desarmados enquanto os seus massacradores se apresentam armados com seus comentários de ódio e violência. Aqueles que vão se tornar massacradores se apresentam como vítimas. Pois, junto deles há o dispositivo da negação, nunca se sentem culpados ou errados até porque estão em uma missão. E quando são denunciados ou descobertos enxergam a denúncia de sua agressão como uma violência. O questionamento e o esclarecimento dela se tornam agressão e violação da liberdade de expressão para os linchadores digitais e propagadores de fake news.

Não há como pensar no empoderamento das mídias digitais ao ponto das pessoas compartilharem fake news sem analisar o poder e as representações simbólicas que ele assume para o sujeito social. Para isso, destaca-se o senso comum quando se refere ao poder, geralmente o associa com a manifestação da violência, quando na realidade é uma manifestação social compartilhada, uma construção social, sendo reconhecido e legitimado pela sociedade, a sua desintegração sinaliza o controle de uns sobre a maioria.

Estudos e análises de pensadores como Hannah Arendt (2000) e Michel Foucault (2010) desconstroem essa percepção acrítica, e apontam para a necessidade da discussão do poder como um conceito oposto à violência. Embora sejam divergentes, não dá para pensar o poder sem fazer menção à violência, pois essa aparece, principalmente, quando o poder deixa

de existir. Antes de qualquer coisa, o poder constitui nessa perspectiva que coloca as fake news como uma manifestação da violência quando ele é suprimido, sobressaindo interesses de poucos sobre a maioria. As análises tanto de Foucault (1979), (2010), como de Arendt (2000) revelam discussões que o poder se contrapõe a violência, e ao contrário do que é compartilhado pelo senso comum, a manifestação da violência não representa a manifestação do poder, mas a supressão dele. As relações sociais estão permeadas por interesses pessoais e coletivos, dentre esses interesses estão os mecanismos de poder, a definição desses mecanismos não é simples e facilmente observada, para além das relações de dominação aparentemente visualizadas entre opressores e oprimidos estão aquelas que são imperceptíveis, ou quase não notadas, sendo o que conserva a sociedade e não o que a transforma, seu conceito é, portanto abstruso e compreende um complexo conjunto de análises sobre as relações onde o poder se manifesta.

Assim podem-se perceber como essas relações de violência são, muitas vezes, ocultadas na realidade; quando se olha para as fake news e simplesmente se pensa em notícias falsas, seus impactos levam a tocar as relações de violência que estão por trás das fake news, geralmente imbuídas de um gênero moral, elas são conservadoras e mantém aspectos de dominação daqueles que as produziram. As fake news quando substituiem a informação pela desinformação já é a expressão da violência. Hannah Arendt (2000) ao discutir sobre o que é o poder ressalta que ele influência as relações sociais de uma dada sociedade, por isso independente da estrutura ou organização social, existe como uma característica comum. Nesse sentido, ele pode se constituir em algo que perpetua as relações de dominação e é inerente a qualquer comunidade política, resulta da capacidade humana para agir em conjunto, que por sua vez, demanda um consenso de muitos a um curso comum de ação.

Dessa maneira, o poder, se baseia essencialmente na capacidade das ações humanas para fundar algo inteiramente novo, em suas análises Arendt (2000) caracteriza a oposição entre poder e violência, a afirmação absoluta de um significa a ausência de outro, ou seja, onde há poder não há violência, essa só pode existir pela desagregração do poder. As fake news interferem no poder ou consenso social, incitam a violência onde num clique ou comentário, se viola as regras mínimas de relacionamentos online e extrapola a violência seja pela difusão de uma notícia falsa, ou pela forma de como ela pode atingir a sociedade, expressando nas mais variadas formas de violência. Foucault (2010) também concebe o poder como algo que interfere nas ações dos sujeitos e se manifesta nas relações de obediência e subordinação. Esse autor teve o poder como um dos objetos principais de estudo, que para ele não se localiza em uma instituição específica, e nem tampouco como algo que se cede, por contratos jurídicos ou

políticos. O poder em Foucault (1979) reprime, mas também produz efeitos de saber e verdade, ele media as relações sociais, não é visível, mas está presente nessas relações (Foucault, 1979).

Assim tanto para Arendt (2000) como para Foucault (1979) o poder está em todo lugar as relações se dão baseadas nele, quando não existe mais o poder, se tem a presença da violência.

Ao analisar a mudança do sistema punitivo imposto a delinquentes no século XVIII, Foucault (2010) observou sua manifestação e ressalta a impressão de compreender suas metamorfoses e formas de dominação não presentes a olho nu. Assim descata o autor a constituição da suavidade penal como nova forma de poder, ressalta ainda que os sistemas punitivos não podem ser compreendidos apenas como o ato de punir, esses são antes de tudo construções sociais, não se explicam somente pela armadura jurídica da sociedade, tão pouco por ações éticas, mas elas imprimem sentidos positivos percebidos na própria aceitação das medidas punitivas e a subserviência a elas.

Mas podemos sem dúvida ressaltar esse tema geral de que, em nossas sociedades, os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa "economia política do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos "suaves" de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata - do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão" (Foucault, 2010, p. 28).

As relações no mundo online indicam a metamorfose da violência expressa nas relações de poder que não estão mais num corpo individualizado, mas estão na ideologia e no compartilhamento de formas de dominação moral que permeiam a síntese das fake news. Elas ganham força na sociedade por serem a reprodução de uma forma de pensamento que domina gostos e mentes e se configuram na mais nova forma de poder e violência, até o meme como forma de sua propagação (Vieira Junior; Pelúcio, 2020).

É o poder do simbólico! Convoca-se aqui no final desse tópico, Pierre Bourdieu (1989) para entender como muitas vezes uma curtida, um compartilhamento, ou seguir uma página de ódio na rede social simboliza e se torna um gatilho para que preconceito se torne discriminação. É o poder do discurso! Tão enfatizado por Foucault (2011) que mostra que os discursos estão nas práticas, ao observarmos o comportamento da sociedade nas redes sociais, quantos não presenciaram em momento de pandemia o discurso daqueles que representam politicamente na fala e no comportamento das pessoas nas ruas em relação à covid-19? O simbólico se expressa em muitas camadas, seja no micro cotidiano seja no macro político econômico. O seu efeito quando acompanhado de fake news tem resultados avassaladores, e ainda quando combinado com o preconceito pode romper parcerias comerciais e criar crises diplomáticas.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

As fake news representam um fenômeno complexo que transcende a simples desinformação, configurando-se como um mecanismo de violência simbólica que reforça estruturas de poder e dominação. Atualmente, seus efeitos têm prejuízos sociais, pois influenciam o comportamento da população, aonde as práticas individuais interferem no bem coletivo. Da mesma forma, observa que as fake news não são inéditas na sociedade, mas elas perduram no tempo e ganham atualizações e seguem a lógica das mudanças nos meios de comunicação de massa.

A partir das análises de Bourdieu, Foucault e Arendt, evidencia-se que a disseminação de notícias falsas não é aleatória, mas intencional, servindo aos interesses políticos e econômicos que comprometem a democracia, a ciência e a vida social. Os impactos vão desde a desestabilização de processos eleitorais até a manipulação de discursos que enfraquecem a credibilidade científica e fomentam o preconceito.

Embora a propagação de notícias falsas não seja um fenômeno novo como mencionado, a era digital se destaca pela rapidez com que essas informações se espalham, impulsionadas pela internet e pelas mídias digitais.

Dessa forma, o combate às fake news exige uma mobilização coletiva, com esforços que envolvam não apenas governos e responsabilização das plataformas digitais, mas também instituições educacionais e a sociedade civil. A presença das fake news nos revela a violência propagada por sua própria existência e intensificada por seus efeitos na sociedade.

Foi também verificado que o conceito de poder para Arendt (2000), fundamentalmente, se encontra na capacidade de covencimento, uma vez que a autora mostra que o poder se respauda no coletivo e no consensual. Diferente, para Foucault (2014) o poder está nas relaçõe numa dinâmica em diferentes agentes interagem e exercem influência uns sobre os outros. Ambos acreditam num poder que não somente agi por coersão, mas relacional e por convencimento. Já, para Pierre Bourdieu (1989), o poder é intrinsecamente simbólico e está profundamente ligado à violência simbólica, naquilo que não se expressa pela força física explícita. Sua abordagem é mais sutil e estrutural que de Hannah Arendt que possui uma visão singular do poder como antagônico à violência e fundamentalmente positivo — pois está ligado, como supracitado, à capacidade humana de agir coletivamente e criar novas realidades políticas.

Os resultados das discussões apontam que as fake news são um fenômeno estruturado, influenciado por relações de poder e dinâmicas sociais que perpetuam desigualdades. Além disso, a presente discussão revelou que reforçar o combate à desinformação não se limita à

verificação de fatos, mas demanda uma análise crítica das estruturas de poder que a perpetuam. O fenômeno das fake news, ao se entrelaçar com mecanismos de violência simbólica, destaca a necessidade urgente de políticas públicas que incentivem a educação midiática e a regulamentação das plataformas digitais, a fim de evitar consequências ainda mais graves para a sociedade (Zingales; Souza, 2021). Tal debate sobre a regulamentação das midias digitais está em curso e tem travado uma luta para sua aprovação desde do marco da internet em 2014 e intensificado na eleição presidencial de 2018 com a disseminação de "fake news" e discursos de ódio. Ademais, percebe-se que as fake news sempre existiram e são potencializadas com as ferramentas tecnológicas desenvolvidas ao longo da história, isso indica, que se não houver controle e responsabilização das plataformas digitais, a mentira será cada vez mais confundida com a verdade, a exemplo do uso da inteligência artificial e a sofisticação das fake news, que tem nas tecnologias o elemento para seu impulso, sem que sejam essas tecnologias controladas para que filtrem as informações verídicas das falsas.

Dessa forma, o combate às fake news exige uma mobilização coletiva, com esforços que envolvam não apenas governos e responsabilização das plataformas digitais, mas também instituições educacionais e a sociedade civil. Enfim, a presença das fake news nos revela a violência propagada por sua própria existência e intensificada por seus efeitos numa sociedade cada vez mais digitalizada.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **Sobre a Violência.** 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

D' ANCONA. Matthew. **Pós verdade:** a nova guerra contra os fatos em tempos de fake News. Barueri: fato editorial, 2018.

FERREIRA, A. et al . Counteracting the contemporaneous proliferation of digital forgeries and fake news. **An. Acad. Bras. Ciênc.**, Rio de Janeiro , v. 91, supl. 1, e20180149, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0001-37652019000200902&lang=pt . Acesso em 24 Abr. 2025.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 38. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 2011.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Organização e tradução: Roberto Machado. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

G1. **É #Fake que eleições de 2018 e 2022 foram fraudadas:** Bolsonaro fez alegações após se tornar réu no STF. Publicado em 23 jun. 2025. Disponível em: https://g1.globo.com/fato-

ou-fake/noticia/2025/03/26/e-fake-que-eleicoes-de-2018-e-2022-foram-fraudadas-bolsonaro-fez-alegacoes-apos-se-tornar-reu-no-stf.ghtml. Acesso em 12 mai. 2025.

JUNIOR, I. F. B; JUNIOR G.V. Fake news em imagens: um esforço de compreensão da estratégia comunicacional exitosa na eleição presidencial brasileira de 2018. In. **Revista Debates.** v. 14, n. 1 ,2020. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/debates/issue/view/3951/showToc . Acesso em 02 Maio 2025.

LIMA, E. C. A; LIMA, I. C. C. 2020. Conservadorismo, neoconservadorismo e bolsonarização. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/debates/issue/view/3951/showToc. Acesso em 03 Mai. 2025.

NOGUEIRA, M. A.; LAUERTA, M. **Política e democracia antes e depois da COVID-19.** Live Ciências Sociais em Diálogo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SQLpMOosz_U&t=864s. Acesso em: 26 mai. 2025.

PANGRAZIO, L. **What's new about 'fake news'?** Critical digital literacies in an era of fake news, post-truth and clickbait. *Pág. Educ.* [online]. 2018, vol.11, n.1, p.6-22. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-74682018000100006&lang=pt Acesso em 20 de Maio de 2025.

PELÚCIO, L.; PAIT, H.; SABATINE, T. **No emaranhado da rede:** gênero, sexualidade e mídia, desafios teóricos e metodológicos do presente. São Paulo: Annablume Queer, 2015.

RAIS, D. Fake news e eleições. In RAIS, Diogo (Coord.). **Fake news a conexão entre desinformação e o direito.** São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018. Disponível em: https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/7157. Acesso em 23 jul. 2021.

ROSSI, M. **Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP.** Publicado por G1 em 05 mai. 2014. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html. Acesso em 24 mai. 2025.

SANCHES, M. **'Sem invasão do Capitólio, não haveria o 8 de janeiro', diz cientista político americano.** BBC News. Publicado em: 23 jan. 2023. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64421108. Acesso em: 22 mar.2025.

SULLIVAN, Kate. **Trump parece reconhecer que perdeu eleição de 2020 e diz que ficou "um pouco aquém".** Publicado em CNN em 22 ago. 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2024/trump-parece-reconhecer-que-perdeu-eleicao-de-2020-e-diz-que-ficou-um-pouco-aquem/. Acesso em: 22 mai. 2025.

VIEIRA JUNIOR, L. A. M.; PELÚCIO, L. Memes, fake news e pós-verdade ou como a teoria de gênero vira uma "ideologia perigosa". **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 25, n. 48, 2020. DOI: 10.52780/res.13447. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/13447. Acesso em: 12 jun. 2025.

WARDLE, C. **Fake news. It's complicated**. 2017. Disponível em: https://medium.com/1stdraft/fake-news-its-complicated-d0f773766c79#.y8p67xwvw. Acesso 26 Mai 2025.

ZINGALES, N.; SOUZA, C. A. **Moderação de conteúdo em plataformas digitais: dilemas regulatórios no Brasil.** Revista Direito GV, São Paulo, v. 17, n. 2, e82978, 2021.